R. Frente Adriz 37-3.º E

Ano IV — Lisboa, Fevereiro de 1948 — N.º 34

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista (em organização)

NÚMERO AVULSO 1$00

Assinaturas { Anual ..... 12$00 / De 8 números 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

A LEI DO ESCOTEIRO

O Escotismo é, primeiro que tudo, uma grande família. Outro nome não tem este extenso arraial de gente moça. Arraial de perfeição, o escotismo é, além do melhor sistema educativo, o melhor reduto da bondade.

A extraordinária criação de Lorde Baden-Powell, o glorioso general inglês que, pela Pátria, e pela Civilização, se bateu, heròicamente, em continentes distantes, tem a regê-la uma lei que é o catecismo por onde deve ler toda a mocidade; toda, pois no escotismo não existem barreiras de religiões, nem de raças.

Essa lei é um código de Honra. Herdámos daqueles homens das Cruzadas que conquistaram o mundo para a Civilização, dos cavaleiros medievais que conquistaram o mundo para o Bem, aquela virtude, aquele amor ao próximo que faz da lei um traço de união entre a Humanidade.

O primeiro artigo diz-nos que o escoteiro é verdadeiro e é sagrada a sua palavra.

Quantos exemplos não temos nós de situações difíceis criadas pelo desrespeito à palavra dada. E, na História — a grande mestra da vida — na nossa História, não vemos, no reinado de D. Fernando, o rei inconstante, prometer e faltar. E depois? Como consequência, vinham as guerras, as pestes e as fomes assolar a Nação, tornando, assim, «fraca a forte gente».

O segundo artigo diz-nos que o escoteiro é obediente e respeita-se a si próprio. Não deve fazer actos, nem os faz — porque o escoteiro obedece à lei, não só por obedecer mas por compreender — que o desprestigia. É bom filho; amanhã será bom cidadão e soldado. Habituado a obedecer, respeita sempre a opinião dos outros e, disciplinado, pacífico, concorre para que haja ordem e Paz.

Mas o terceiro artigo afigura-se-nos a principal base moral do Escotismo — a prática diária de uma boa acção.

Em casa, podem ajudar-se nossos pais, auxiliá-los, ensinar nossos irmãos, doutrinando-os pelo exemplo. Na escola, explicar as lições a um camarada menos favorecido pela inteligência; distribuir a merenda a um colega menos abastado. Na sede, preparar os «Lobitos» — os nossos irmãos mais novos — e adestrá-los com os nossos conselhos para que sejam os continuadores da obra. Na rua, podemos conduzir um cego, auxiliar uma criança ou uma pessoa de idade, prestar socorros em caso de urgência, conduzir um ferido ao Hospital, matar a fome a um infeliz, afastar do passeio uma casca de fruta que mão descuidada deitou fora...

A rua exibe, muitas vezes, os mais dolorosos quadros e o escoteiro, talvez um pouco à maneira de Rainha Santa, procura que a desdita se transforme em alegria como se transformaram em pão as rosas da lenda.

É o quarto artigo que nos diz sermos corteses, leais e irmãos de todos os escoteiros.

Que lindo o espectáculo admirável de milhões de rapazes de todas as raças, de todas as crenças, falando todos os idiomas e pertencendo a todas as categorias sociais, estimando-se, saudando-se, trabalhando em unísono, por um futuro melhor!

O escoteiro é, também, generoso e valente. Em tempo de Paz, auxilia o seu próximo, fazendo bem até ao seu inimigo. Valente, não teme o perigo para salvar outrem. Pode cair, mas se isso suceder, cai de pé, em glória. Generoso, salva a vida e a honra do seu semelhante. Não dá com alarde, com espavento. Saber dar é também uma virtude...

Grandes homens de armas foram generosos. O Condestável, se a

(Continua na 2.ª página)

PALESTRAS COM UM GUIA

I

TEU ESPÍRITO

As minhas sinceras felicitações pela tua nomeação de Guia. O teu rosto expressa felicidade e eu compreendo perfeitamente esse sentimento. O cargo de Guia de Patrulha é o mais formoso que existe no Escotismo. É a primeira oportunidade que se apresenta a um Escoteiro de realizar um trabalho construtivo, não limitado só à tua própria pessoa; mas de agora em diante, de certa maneira, tu serás quem vai a indicar o caminho que hão-de seguir os teus sete companheiros, estabelecer os padrões de sua educação escotista, dirigir as suas actividades, endireitar ou torcer o seu carácter. O trabalho é bonito... porém, de uma grande responsabilidade. Terás pensado nele, ou serás daqueles que só vêem a luzir duas fitas brancas sobre o bolso da sua camisa?

Espero que tu não serás desses. Sinceramente creio que vais ser um bom Guia. Porquê? Por, antes de tudo, seres um bom Escoteiro, teres entusiasmo, vontade de trabalhar e dotes de mando... Não, de mando não; desgosta-me essa palavra. Digamos pois de... de bom irmão mais velho.

Queres que te aconselhe no teu labor? Prometo-te que palestraremos sempre que seja preciso. Porém como já se acerca a hora de buscar o abrigo das tendas e o fogo está perdendo força, esta noite direi poucas coisas. Falarei de ti.

Em primeiro lugar, se em tua mente tens forjado a ideia de ser um **chefe** omnipotente, ditatorial, absoluto, desengana-te já se não queres fracassar rotundamente. Não vais ser um **Chefe**, senão um **Guia**. A tua missão não é ordenar «faz isto», senão dizer «vamos fazer isto». Por isso, nas honras e glórias terás de ser um mais entre toda

(Continua na 2.ª página)

A LEI DO ESCOTEIRO

(Continuação da 1.ª página)

sua espada caiu, como um flagelo, sobre os castelhanos; quando era Nun'Alvares, a sua bolsa abriu-se aos castelhanos famintos.

Cumprindo o sexto artigo, o escoteiro ama os animais e as plantas. De facto, o amor pelos animais é uma bela manifestação das almas. S. Francisco chamou-lhes irmãos. Há animais de facto, que se sacrificam e morrem por seus donos.

Merecem toda a nossa observação. As abelhas industriosas, mostram a sua organização social. As formigas ensinam a ordem, o trabalho, a previdência. O pombo-correio faz meditar na sua faculdade de orientação. O cão é o símbolo da fidelidade. O gato mostra a elegância e a precisão dos movimentos. O leão é o rei da selva, altivo, leal na luta. O lince assombra-nos com o seu olhar agudíssimo. E é ainda pelos encantos da selva que o escoteiro experimentado é um «velho lobo», o novato um «pata-tenra», os pequeninos, os «lobitos» e as escoteiras, as «avezinhas».

Em resumo: quase todos os animais são nossos mestres desde a formiga, que acarreta provisões para o inverno, até à galinha que defende, com energia, a sua prole.

Com as plantas o mesmo sucede. É o amor pela árvore que nos dá o berço, a mesa, o leito e o caixão.

Está sempre alegre e bem disposto. Encara o futuro com optimismo e, como a saúde do corpo torna a alma sã, é forte, não se deixa abater pelas contrariedades e, como sorri, vence.

Económico, sóbrio, respeitador das posses alheias e, acima de tudo, higiénico no corpo e na alma, o escoteiro é um paladino da bondade.

Trabalha, luta, jamais desanima. O trabalho é a luta dum instante. A luta, o trabalho de sempre.

* * *

Tudo entre nós é simbólico. Nosso patrono mundial é S. Jorge, que matou o dragão: o bem combatendo o mal. A flor-de-lis que, segundo outra lenda, foi trazida a Clóvis por um anjo, representa os artigos do compromisso.

Dantes, os cavaleiros estavam sempre prontos a dar a vida pelas causas justas. Eram estranhos viageiros da aventura, vagamundos de almas nobres que faziam o bem. Fortes, ágeis, perfeitos, protegiam os fracos, batiam-se pelas donas afrontadas, por velhos sem amparo, por crianças esbulhadas por outrem.

Alerta estavam pelo bem, pela prática da bondade.

Pois os escoteiros são como eles. Fazem a sua vigília antes do compromisso. A lança e o elmo transformaram-se, volvidos séculos, num bastão e num chapéu com a flor-de-lis. Continuam a ser fortes, ágeis, sempre prontos.

São a nova cavalaria medieval.

MANUEL FERREIRA

CAMPISMO

EM FRANÇA

Impressões do «Jamboree»

Os campistas visitaram o «Jamboree» da Paz.

Como os campistas, todo o mundo admirou, todavia, estes viram-no com melhores olhos por compreenderem melhor o seu significado.

E os elogios que lhes mereceram estão bem patentes na revista francesa de campismo «Touring-Plein-Air», onde um adepto do ar livre, passando em revista a eficiência dos variados serviços montados no campo, acaba por afirmar: «Moisson, ontem uma pequena vila ignorada da França, será para todos os escoteiros uma terra sinónimo de paz e de fraternidade».

Cicloturistas ingleses em França e franceses em Inglaterra

Em Junho e Julho do ano passado, quatro equipas de cicloturistas do Touring Club de Londres visitaram a França, retribuindo os franceses a visita em Agosto por intermédio do Touring francês.

EM PORTUGAL

Mr. Marcel Dany

Regressa brevemente ao seu país o prestimoso jornalista francês Mr. Marcel Dany que em Portugal, entre outros cargos, desempenhou as funções de Adido de Informação da Legação de França.

Por seu intermédio, beneficiaram os campistas portugueses de várias sessões cinematográficas, servindo com bastante dedicação de agente entre os campistas dos dois países.

Clube de Campismo de Faro

Por despacho de 17 de Dezembro passado, ficaram aprovados, pela Direcção Geral dos Desportos, os estatutos do Clube de Campismo de Faro, com sede em Olhão.

Grupo Estrela

Este agrupamento mudou a sua sede para a Rua do Limoeiro, n.º 18, continuando as reuniões dos associados a efectuarem-se às terças e quintas-feiras.

CARLOS FERNANDO GARCIA

Quanto mais a inteligência humana se aproxima de Deus, mais longe se encontra das trevas.

PALESTRAS COM UM GUIA

(Continuação da 1.ª página)

a Patrulha, porém nos trabalhos tens o dever de ser o primeiro. Só há uma ocasião em que admito que dês ordens; quando a honra da Patrulha está em jogo.

Ao princípio verificarás que os teus companheiros pensam de um modo que te parecerá estranho. Estuda-os e trata de os compreender. Todos têm a sua própria personalidade, que difícilmente será igual à tua. O teu trabalho é fundir todos os caracteres no crisol que é a Patrulha, para que só um fique visível, o da fraternidade. Lògicamente, não podes empregar os mesmos métodos com João, que é um indolente, que empregas com Jaime, que possui excesso de nervos.

Não esqueças que um Guia é primeiro um bom Escoteiro. Trabalha pois para obter mais insígnias de capacidade, para substituir a tua insígnia de 2.ª classe por outra de 1.ª, faz a tua B. A. diária. Porque de agora em diante serás o exemplo de teus irmãos.

Tem fé e entusiasmo. Nada se consegue no Escotismo sem estas virtudes. Entusiasmo em tudo quanto empreendas. Fé absoluta na tua Patrulha. Sê um convicto de que a tua Patrulha pode fazer grandes coisas, e ela as fará.

William Hillcourt, um Velho Lobo americano, disse que uma Patrulha é como um comboio. O Guia ocupa o lugar da locomotiva. Se esta marcha, todo o comboio avança. Se a locomotiva falha e para, o comboio fica estacado. E se a locomotiva perde a sua rota e sai dos carris, todo o comboio acaba em catástrofe. Tu, novo Guia, serás a locomotiva dum comboio, que deve chegar pronto e bem ao seu destino.

Tudo o melhor que há em ti terá de ser posto ao serviço da Patrulha. Os oito, ombro com ombro, terão de marchar sempre em frente pelo caminho *powelíano*, levando gravado no coração o lema universal das patrulhas: TODOS POR UM, UM POR TODOS.

Não duvides um só momento de que, procedendo assim, vosso totem se encherá ràpidamende de troféus.

ENRIQUE GENOVÉS
OLHO DE LINCE

• • o • •

IMPRENSA

PORTUGAL NOVO

Com o número de Fevereiro, a publicar durante o corrente mês, entra no seu 21.º ano de publicação este nosso prezado colega, por cujo motivo lhe enviamos as nossas saudações e votos de prosperidades.

O Escotismo ao serviço da amizade Luso-Brasileira

Uma expressiva Mensagem da Directoria da Confederação Brasileira de Escoteiros de Terra

Na Redacção do nosso jornal foi recebida a seguinte Mensagem:

A Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra (Departamento de Terra da União dos Escoteiros do Brasil), tem a subida honra de apresentar a Vossa Excelência, e por seu intermédio a todos os dirigentes do Movimento Escoteiro Português, os melhores votos de feliz Ano Novo.

Muito nos apraz juntar a esses votos as expressões do nosso vivo reconhecimento pela constante, esclarecida e imprescindível cooperação prestada pelo ilustre corpo redactorial e distinguidos dirigentes do «Sempre Pronto» à nossa Causa, no campo nobilíssimo da imprensa escoteira desse País irmão, durante o ano de 1947, que se findou.

Mensário fecundo, de intensa vida espiritual, social e cultural, que honra indiscutìvelmente o bom nome de Portugal, vem entusiástica e patriòticamente servindo de veículo permanente à causa do intercâmbio escoteiro luso-brasileiro.

Que Deus, o Salvador da Humanidade, ao raiar o ano de 1948, traga para o Escotismo Português, dias de prosperidade e abundância, pelo trabalho produtivo e fecundo de seus chefes e escoteiros.

Sempre Alerta!

Brasil—Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1947.

(a) Dr. Conegundes Moreira
Secretário Geral da C. B. E. T.

A expressiva manifestação de simpatia dos nossos irmãos brasileiros sensibiliza-nos profundamente e, absolutamente certos de que interpretamos a maneira de sentir dos dirigentes escotistas portugueses, retribuímos reconhecidamente os votos de feliz Ano Novo, formulando os melhores desejos de novas prosperidades ao Escotismo Brasileiro.

Particularmente todos os que no «*Sempre Pronto*» trabalham se sentem muito agradecidos pelas repetidas manifestações de apreço da ilustre Directoria da Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra, auxílio moral que muito nos tem ajudado no nosso modesto trabalho.

O «*Sempre Pronto*» acompanha com vivo interesse a actividade fecunda e bem orientada do Escotismo na grande nação irmã, em particular do seu Ramo de Terra, e reitera os seus desejos de contribuir para uma maior aproximação do Escotismo luso-brasileiro, fomentando o intercâmbio escoteiro e espiritual entre irmãos de raça e de ideal, propósitos tão elevada e compreensivamente acolhidos pelos devotados dirigentes da C. B. E. T.

Que Deus abençoe ricamente o Escotismo Brasileiro e por intermédio dele a florescente nação irmã.

A Direcção

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Casamento — Só agora tivemos conhecimento de que o nosso estimado amigo e camarada Sr. Levy Augusto Lobato, antigo escoteiro do 2.º Grupo, se consorciou em 27 de Julho do ano findo com a Sr.ª D. Josefina Barros Freixo e, embora um pouco tardiamente, não queremos deixar de lhes enviar os nossos parabéns e sinceros votos de muitas felicidades.

Visita — No dia 8 de Janeiro findo, foi-nos dado o prazer de receber a visita do nosso irmão-escoteiro Sr. Paulo Leitão, Guia de Secção do Grupo 15 do Porto, que, de passagem por Lisboa, teve a gentileza de visitar a nossa redacção, o que muito agradecemos.

MARCEL DANY

Este ilustre jornalista francês que, depois de ter sido Director da Agência Havas em Portugal, desempenhou com notável competência o cargo de Adido da Imprensa junto da Legação de França, vai regressar à sua Pátria por terem sido extintos os serviços a seu cargo.

Ao Sr. Marcel Dany, que grangeou em Portugal inúmeras simpatias, se deve o trabalho bem orientado que através da Imprensa Portuguesa foi feito para a propaganda do «Jamboree» Mundial da Paz e que tão alto interesse despertou na população.

O «*Sempre Pronto*» associa-se às justas homenagens prestadas ao ilustre jornalista, agradecendo todas as provas de simpatia com que sempre o honrou.

O ESCOTISMO NO BRASIL

Comissão de Escotismo do Ministério da Educação

O Sr. Ministro da Educação e Saúde, Prof. Clemente Mariani, nomeou uma «Comissão de Escotismo», a fim de junto àquele Ministério traçar um plano de acção para maior desenvolvimento do Escotismo no Brasil. Esta Comissão está assim constituída: Presidente, Dr. Augusto de Lima Júnior, representante do Ministério da Educação e Saúde; Prof. J. B. Mello e Souza, representante da União dos Escoteiros do Brasil; Major Hugo M. Bethlem, representante do Ministério de Guerra; Com. Benjamin Sodré, do Ministério da Marinha; Cel. Godofredo Vidal, do Ministério da Aeronáutica; Chefe Maria Luísa de Vasconcelos, representante da Federação das Bandeirantes do Brasil e ainda de um representante do Ministério do Trabalho. Esta Comissão tem-se reunido no Ministério da Educação, assentando diretrizes para a cooperação do Movimento Escotista na Comissão de Directrizes e Bases do Plano Nacional de Educação.

Esta Comissão já assinou o Plano para o apoio e incremento do Movimento Escotista em todo o Brasil, que já está sendo encaminhado às autoridades competentes, para a devida aprovação e promulgação.

Curso Nacional de Chefes Escoteiros

De 19 a 26 de Julho último, realizou-se no Rio de Janeiro, no Parque Nacional de Itatiaia, cedido pelo Governo Brasileiro para ali funcionar o Campo-Escola, o Curso Nacional de Chefes Escoteiros, sob a direcção do Presidente da Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra, Sr. Major Hugo M. Bethlem; e dos Chefes Srs. José Spina, João Mós e David de Barros, representante do nosso jornal na nação irmã.

Sabemos que este curso constituiu um grande êxito para os seus dirigentes e para a C. B. E. T., pelos óptimos resultados obtidos, tendo tomado parte neste Campo elementos vindos de quase todos os Estados brasileiros, para o quais a Confederação conseguiu as respectivas viagens e alojamentos na capital federal.

Em vista dos resultados obtidos a C. B. E. T. projecta realizar novo Curso em Julho deste ano.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

A Voz do Chefe



Passou em 8 de Janeiro findo o 7.º aniversário do falecimento de Baden-Powell e passa em 22 do corrente o 91.º aniversário do seu nascimento. A melhor homenagem que lhe podemos prestar, na passagem destas datas, é ouvir os seus conselhos. Escutemos o que ele dizia durante a guerra de 1914-18 e que tão bem se aplica à situação actual.

RECONSTRUÇÃO

Como o Escotismo a pode ajudar

As numerosas perguntas que me têm sido trazidas, a fim de saber qual é a nossa atitude em face da reconstrução, após a guerra, mostram quanto este assunto preocupa os nossos Chefes; o que fortalece a minha convicção de que podemos fazer um trabalho precioso neste domínio.

Tive já algumas ocasiões de o dizer, mas não de uma maneira suficientemente precisa.

Como é difícil de profetizar o que se poderá passar após a conclusão da paz, não é fácil propor, ainda menos elaborar, um plano definitivo.

Mas há alguns pontos que são fixos e certos, os quais nos ajudarão na nossa rota.

Primeiro, como alguém disse ùltimamente, «se a guerra não ensina aqueles que lhe sobrevivem e a seus sucessores que é possível um mundo novo, então a guerra será a maior catástrofe que a humanidade jamais terá visto».

Ninguém negará esta afirmação. Procurai no nosso meio, pensando nos «nossos sucessores» e à luz das experiências feitas durante a guerra, qual é o maior mal que se deve tratar e que se pode curar, se se tomarem as medidas adequadas. Para mim, a situação dos operários e das operárias (não digo a «classe» operária; desejaria esta palavra «classe» abolida para sempre com todo o mal que tem feito) deve e deverá ser melhorada.

Esta melhoria tem sido impedida pela barreira entre as «classes», entre o capital e o trabalho, etc.

Portanto, nós somos, de harmonia com a natureza, seres do mesmo sangue e da mesma família; a fronteira de classes é qualquer coisa inteiramente artificial e pode ser abolida, se sòmente o quisermos. É uma lição da guerra que podemos tomar no coração.

Com efeito, a guerra quase realizou isto em nosso lugar, com a sua conscrição para todos, ricos e pobres sem distinção; com a sua parte igual de privações e perigos, com o seu sacrifício comum em frente por um ideal comum, ligados na tristeza comum daqueles que ficaram atrás, em casa.

Devemos permitir, após a guerra, que a camaradagem que assim se formou desapareça para dar lugar, de novo, a esta miserável política de partidos, a estas barreiras sociais e a estes conflitos industriais que têm conduzido a situações tão amargas nos dias antes da guerra? Deus nos preserve disso!

A guerra ter-nos-á ajudado neste ponto sòmente se estivermos decididos a aproveitar as suas lições. O nosso fim deverá ser misturar as classes e criar uma vida mais feliz e mais humana para todos, a fim de que os mais pobres tenham a sua parte de prazer como os irmãos mais abastados; o patrão deverá ser mais humano, simpatizar e agir franca e liberalmente com os seus empregados; deverá indicar ao operário a melhor maneira de se servir dos seus meios para conseguir uma vida mais sã e mais completa. Ambos deveriam compreender que, combinando os seus esforços, podiam conseguir melhores condições para cada um.

A educação — a do carácter sobretudo — surge como a chave do problema.

Dever-se-ia ensinar o altruísmo, a confiança em si, a camaradagem mais o sentimento de honra e todas as qualidades que permitem a um homem, qualquer que seja a sua situação, de olhar mais longe do que a sua bancada ou o seu livro de contas, de ver o interesse do seu trabalho para a sociedade, de ocupar um lugar ao serviço do próximo no seu trabalho diário, de desenvolver em si mesmo o sentimento do belo na natureza, na arte e na literatura, de tal maneira que os seus interesses mais elevados fossem acordados e que ele pudesse gozar a vida, quaisquer que fossem as circunstâncias.

Podemos fazer muito no movimento escotista para lançar as bases desta nova ordem.

BADEN-POWELL

Quem não sabe... pergunta

As Pequenas da D. A. F.

Recebi uma cartinha do nosso amigo M. O. G. que me informa que vai *formular uma série de perguntas que serão gradualmente feitas.*

E começa logo, diz que para *esclarecer determinadas lacunas no seu espírito,* por querer notícias das *pequenas da D. A. F.,* cuja ausência estranha, pois reconhece (e eu também) que eram pessoas cheias de *boa vontade,* muito *prestáveis,* que *cumpriam fielmente a nossa divisa.*

Depois preocupa-se receando se elas *foram contagiadas com a "paralisia„ que há já bastante tempo ataca certas partes sensíveis do nosso organismo* (saía, do meu não! lagarto, lagarto...) ou se teriam fugido com medo da epidemia.

* * *

Pois, meu caro, todos os receios são infundados. Não há «paralisia» e que eu saiba, todas elas estão gozando de excelente saúde, com o que me congratulo. O que aconteceu foi: umas casaram e estão já educando lindos *lobitos* ou bonitas *avezinhas,* aos quais desejo as maiores felicidades; outras dedicaram-se a uma interessante obra social, e merecem os meus elogios; e ainda outras foram tratar de diversos assuntos. Porque isto afinal de Escotismo é uma coisa que se aninha no coração. Quem é escoteiro ou escoteira, é **sempre** e em quaisquer circunstâncias. Quem não é, não é mesmo.

Está, portanto, o meu caro amigo tranquilizado quanto ao destino das nossas companheiras da D. A. F. e faça o resto das perguntas... se eu souber, respondo.

Mas Você trocou-me o nome; chamou-me Dr. Sabichão. Olhe que talvez esteja certo e eu possa ser em vez de Dr. Corujão, Dr. Sabichão. Fica ao gosto dos consulentes.

DR. CORUJÃO OU DR. SABICHÃO

★ ● ★

OS EXCESSOS DO DESPORTO

O bom tempo é a época do desporto e da vida física. No nosso tempo aceita-se sem discussão que a ginástica e o desporto são altamente benéficos para a saúde. Este princípio verdadeiro na generalidade, não se pode aplicar cegamente. Em especial na infância e na adolescência o excesso de actividade muscular requere uma capacidade respiratória equivalente. Sem ela produz-se uma fadiga excessiva que predispõe a muitas enfermidades. A tuberculose é uma das que se pode prender a um terreno alterado por um cansaço muscular superior ao que permite o equilíbrio de todos os órgãos e membros do corpo. Antes de permitir que uma criança ou um jovem se lance na prática de um desporto, consulte um médico que em cada passo lhe indicará o tipo de ginástica que lhe convém e como deve efectuá-la. Pelo caminho da actividade física sem controle só se chegará a resultados exactamente inversos aos que se desejam e procuram.

Comunicação do Centro de Investigaciones Tisiológicas da Argentina.

O CONCURSO DE 1947

SUPLEMENTO AO «SEMPRE PRONTO»

Redacção e Administração: Trav. de Vitorino de Freitas n.º 9—Ajuda

LISBOA

FIGURAS E FACTOS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

O *«Sempre Pronto»* oferece aos seus leitores um interessante Concurso, pelo qual se fará uma rápida digressão pela História Pátria. Não deixe, pois, de concorrer, habilitando-se aos prémios valiosos que serão sorteados entre todos os concorrentes que tenham acertado com todas as soluções.

Para concorrer basta responder às perguntas feitas em cada número utilizando o verbete inserto neste suplemento, que deve ser enviado à Redacção dentro de 60 dias após a publicação.

Os concorrentes podem indicar o número do Grupo da sua simpatia ou a que pertençam, que ficará assim habilitado aos prémios colectivos que serão atribuídos àqueles que tiverem maior número de concorrentes e pelo menos 10.

O Concurso termina no fim da ano corrente.

PRÉMIOS

COLECTIVOS

1.º PRÉMIO—CASA «STADIUM»

1 bola de voleibol oferta da reputada Casa «Stadium» fornecedora de todos os artigos para Desportos. Rua da Madalena, 182-A.—Lisboa.

2.º PRÉMIO—«SPRIL»

1 jogo Monopólio, oferecido pela reputada Casa «SPRIL» da Rua do Loreto, 34, 2.º, em Lisboa, fornecedora de todos os artigos desportivos e de jogos.

3.º PRÉMIO—«CASA DO DESPORTO»

1 raqueta e 6 bolas para ténis de mesa. Oferta do estabelecimento da Rua da Madalena, n.º 196, em Lisboa, fornecedora de artigos para Desporto.

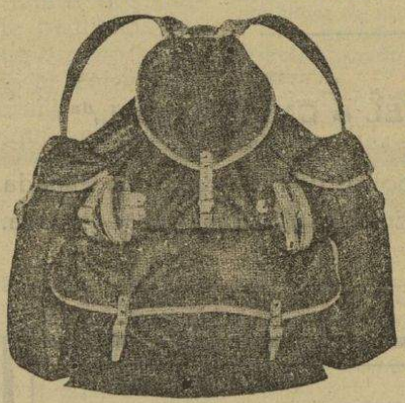
4.º PRÉMIO «CASA SENA»

1 balde de lona para água oferecido pela conhecida casa de artigos desportivos e de campismo «Sena». Rua Nova do Almada, 48 a 52—Lisboa.

5.º PRÉMIO — Um exemplar da obra «Guia do Escoteiro» de Velho Lobo, oferta do nosso amigo e antigo escoteiro Sr. Fernando Pesca.

INDIVIDUAIS

Prémio "VIEIRA CAMPOS„



Um óptimo saco alpino com armação, fabrico esmerado da importante casa de artigos de campismo «Vieira Campos» Rua da Prata, 215 e 217, em Lisboa.

PRÉMIO «CASA PEYROTEO»

Uma linda estatueta de bronze, com base de mármore, de um cavaleiro lançando o dardo. Oferta da conceituada casa de artigos para Desporto e jogos «Peyroteo», Rua Nova do Almada, n.º 51—Lisboa.

2 PRÉMIOS «ANTERO LOPES, L.DA»

2 facas de mato suecas, oferta da Casa Antero Lopes, L.da, fornecedora conceituada de artigos para caça e campo, Rua de Eugénio dos Santos, n.º 31, em Lisboa.

PRÉMIO «VITORINO DE SOUSA»

1 cantil de esmalte, oferecido pelo estabelecimento de correeiro e artigos para campismo, da Rua dos Correeiros, n.º 200 e 202, em Lisboa.

PRÉMIO «PAPELARIA DA MODA»

Uma faca para cortar papel e um marcador para livros, com artística gravação, oferta da importante Papelaria da Moda—Rua Áurea, 169—Lisboa.

PRÉMIOS «EDITORIAL MINERVA»

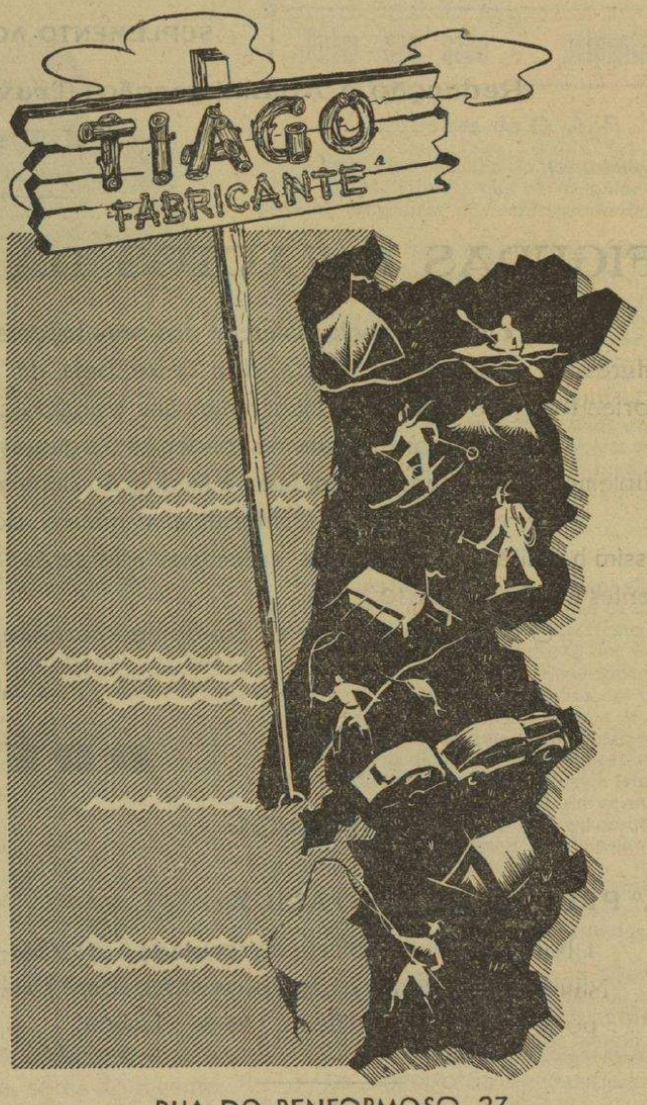
Cinco exemplares da obra «Guia do Campista», de Chaves Mendes. O mais completo manual de campismo publicado em Portugal. Rua de Luz Soriano, 33—Lisboa.

PRÉMIO «BERTRAND»

A obra de Júlio Dinis «Uma Família Inglesa», em dois volumes ilustrados, oferta da Livraria Bertrand, da Rua de Garrett, 74—Lisboa.

PRÉMIO «PIMENTEL & CASQUILHO, L.da»

1 bússola de bolso, oferta desta conceituada casa. Rua de Eugénio dos Santos, 75—Lisboa.



RUA DO BENFORMOSO, 37
LISBOA TELEF. 31318

Á venda na nossa Redacção

Estatutos da Associação dos Escoteiros de Portugal

Em papel especial, 8 páginas, ao preço de, cada exemplar, Esc. 1$00.

O Escotismo e a Formação Cívica

De Charley del Marmol

Um opúsculo de 12 páginas, prefaciado pelo Tradutor.

1 exemplar	Esc.	1$00
1 dúzia....	»	10$00
1 cento....	»	60$00

Estampa com a fotografia de Baden-Powell 1$00

Pedidos à Redacção

CONCURSO DE 1947

Figuras e Factos da História de Portugal

Reposta ao episódio N.º .....

a) .....

.....

.....

b) .....

.....

.....

Nome do concorrente .....

.....

Morada .....

.....

Localidade .....

Grupo n.º .....

Assinatura

.....

Recorte, preencha e remeta à Redacção do «Sempre Pronto».

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

Como manter as comidas quentes nos acampamentos, enquanto aguardam a hora da refeição.

Nos nossos acampamentos há por vezes necessidade de antecipar a confecção das refeições para que assim fique mais tempo livre para as actividades. Porém, quando chega a hora da comida, esta encontra-se já fria. E, então, quase nos aborrecemos de não ter levado connosco aquele caixote que em casa se usa para manter o calor dos géneros cozinhados. Lembram-se?—É um caixote cheio de palha, deixando ao centro um espaço do feitio da panela ou da cafeteira que contém o alimento, cujo calor se deseja conservar. O recipiente é depois envolvido em papéis, podendo ser de jornal que aderem melhor, e metido no espaço vazio do caixote, calafetando depois bem com papéis ou palha, que o devem envolver por completo. E pronto, coloca-se-lhe a tampa e o calor é conservado por algum tempo, e até mantém a fervura uns minutos.

Mas—dirão os nossos leitores—teremos de ir para o campo carregados com um caixote? — Não, o escoteiro serve-se da sua habilidade para improvisar todas estas coisas no campo e transporta sòmente o indispensável. Procede-se assim:

Cava-se na terra um buraco redondo ou rectangular, um pouco maior do que o utensílio de cozinha. Feito isto procede-se com o buraco como se do caixote se tratasse. Enche-se de palha ou caruma e papéis, deixando um vazio ao centro, envolve-se o recipiente em papel de forma a que não penetre nele terra, e enfia-se no buraco aberto. Calafeta-se muito bem, de preferência com papéis, e cobre-se com palha e depois com terra.

Experimentem e já vos garanto que se consegue conservar as comidas quentes durante algumas horas. O que é preciso é abafá-las bastante quentes.

LOBO VELHO

Primeiros socorros

CORPO HUMANO

(Continuação do n.º 33)

Sistema Respiratório

Por intermédio desta função o sangue recebe o oxigénio e liberta o ácido carbónico.

O oxigénio—É necessário para a vida. É um gás que forma a quinta parte do ar.

O ácido carbónico—É um gás venenoso, muito prejudicial para a vida. Num sítio fechado (sala ou quarto), onde as pessoas que o ocupam respiram o mesmo ar sem o renovar, esse ar produzirá sintomas de envenenamento: desmaios, agonias, dores de cabeça e opressão.

Os órgãos da respiração são: a laringe, a que segue a traqueia, canal grosso pelo qual entra e sai o ar dos pulmões.

O tórax divide-se em dois ramos, chamados brônquios, direito e esquerdo.

Os dois pulmões—Estão colocados no tórax, um a cada lado do coração, e ocupam quase todo o tórax. Consistem numa massa de pequeníssimas células com paredes sumamente delgadas e nas quais há uma finíssima rede de vasos capilares que estão juntos dos pulmões por meio de pequenos ramos. Cada vez que o peito se dilata (inspiração), o ar entra pelo pelo nariz, pela laringe (órgão da voz), traqueia, brônquios e brônquilos, até às pequenas células.

O oxigénio do ar é absorvido nas células pelo sangue, por meio dos capilares.

Quando os pulmões se contraem (expiração), o ácido carbónico, misturado com vapor de água, passa dos capilares às células e destas sai ao exterior pelo nariz e pela boca. Uma pessoa sã respira 18 vezes por minuto. A respiração consiste, pois:

1) Em fazer entrar o ar (inspiração) seguido imediatamente da:
2) Saída do ar (expiração);
3) Seguindo depois uma pequena pausa.

Estes três tempos formam um movimento respiratório completo.

Quando o sangue entra nos capilares dos pulmões é escuro (sangue venoso) e quando os abandona para entrar no coração (na aurícula esquerda) é de um vermelho vivo, por se ter carregado dos glóbulos vermelhos do oxigénio (sangue arterial).

De «*El Scout Argentino*»

No último número, no final da definição do coração, onde se lê que: «As válvulas evitam que o sangue volte às aurículas quando os ventrículos se contraem: a esquerda é a mitral; a direita a **pricúspide**» *deverá ler-se* **tricúspide.** *Que os nossos leitores nos desculpem a* gralha.

Cozinha Campista

Salada de alcachofras cozidas

Aproveitam-se apenas as partes mais tenras das alcachofras, cozem-se na menor quantidade de água possível, junto com duas cebolas, duas cenouras e uma beterraba peladas e picadas, e um pouco de azeite. A água que fica toma-se ao começar a refeição.

Tempera-se com azeite, azeitonas e o sumo dum limão ou com tomates, e come-se com 200 a 250 gramas de fruta oleaginosa pelada.

Receita 215 do Tratado Prático de Alimentação Racional, do Prof. A. Martins Cavaco.

Insígnias de aptidão

ASTRÓNOMO

Para escoteiros com menos de 15 anos de idade.

Insígnia: Uma estrela.

1. Demonstrar com diagramas, desenhos ou modelos um bom conhecimento geral da natureza das estrelas e planetas e seus movimentos aparentes.
2. Apontar e nomear: a Ursa Maior, a Ursa Menor, Cassiopeia, Orion, Vega e Capela; e alguns planetas visíveis a olho nu, na altura na prova.
3. Encontrar a direcção de noite pelas estrelas, quando a Estrela Polar está obscurecida.
4. Demonstrar um conhecimento geral da natureza, posições relativas e medidas do Sol, Terra, Lua e planetas, os seus movimentos, e a causa dos eclipses.

Para escoteiros com mais de 15 anos de idade.

Insígnia: O «Cientista». Insígnia Colectiva.

1. Conhecer as principais estrelas e constelações visíveis na sua latitude e saber como expressar tècnicamente a posição de alguma estrela particular em qualquer tempo dado.
2. Ser capaz de calcular o tempo pelas estrelas.
3. Conhecer o que se entende por: sistema Galáctico, constelações, nebulosas, e saber a história típica de uma estrela.
4. Fazer um modelo astronómico simples para ilustrar algum aspecto do sistema solar.
5. Discutir os instrumentos usados e o trabalho exercido num observatório. Conhecer os principais observatórios no mundo, suas situações e vantagens naturais, o trabalho especial empreendido por qualquer deles e alguns pormenores dos seus telescópios.

Cumprimentos ao "Sempre Pronto,,

Tiveram a gentileza de nos enviar cumprimentos de Boas-Festas e votos para o Ano Novo mais os nossos amigos e senhores David de Barros, do Rio de Janeiro; Jacinto dos Reis Moniz Silva, de Angra do Heroísmo; Ernesto Leitão, de Lourenço Marques; João Clímaco Coelho do Nascimento, de Lisboa; José Magallón e J. Forasté Oliver, de Madrid; Conf. Brasileira dos Escoteiros de Terra, Casa Mãe das Raparigas da Cidade e os Grupos n.ºs 52, 80, e 81.



O «LEÃO»

Chamava-se Leão e era um cão de jardim. Bem, quero dizer que era um cão de guarda, e que desempenhava qualquer coisa, assim como as funções de porteiro, porque ele estava encarregado de fazer o maior escândalo possível com ladridos, no caso de ver aproximarem-se pessoas suspeitas, em direcção à luxuosa propriedade onde os senhores seus amos viviam.

Pois bem; além de todas estas magníficas condições de belo cão de guarda, desde já se adivinhava que Leão tinha um coração sumamente «culto»; Ah! Senhores!... Como direi?...—um coração, que afastando-se completamente do vulgar, se elevava muito, mas muito! acima do coração de todos os infinitos cães de jardim, que povoam a Terra.

Leão, tinha «visto mundos». Assim, quando em frente da porta da sua casota, se deitava ao comprido no chão, com todo o peso da sua corpolência, deixando plàcidamente que os mornos raios do Sol, queimassem o seu fino e sedoso pêlo, com os olhinhos meio cerrados, e um petulante sorrisinho deslizando pelo seu fino focinho,— não sabem vocês que os cães se riem? — parecia dizer-nos:

—Meus filhos, tenho visto muita coisa. A injustiça social é o que é preciso atacar. Porque, enquanto existirem pobres e existirem ricos... Pois é isso mesmo: a revolução.

E Leão prosseguia com o seu tema disparatado e incongruente durante um bom bocado. Não era em vão que ele era «culto» e inteligente, não era em vão que ele tinha «visto mundo». Tinha que falar sobre todas as ideias que o inquietavam; em especial aquela da «injustiça social». Assim, pois, enquanto comia uma enorme caçarola de saborosos grãos cozidos, não parava de fazer considerações, ante os olhares dos esquálidos congéneres, que, atrás do gradeamento, contemplavam invejosos o seu banquete.

—... a injustiça social. Aí vos encontrais, vós, os pobres do mundo, mirando, mirando...—E, abertas as rosadas fauces, Leão terminava por lamber a caçarola.

* * *

Por todas estas coisas que flutuavam no seu cérebro canino, Leão não quis dizer «esta boca é minha» — perdão, seria melhor focinho — na noite em que uns desconhecidos, escalando os muros, deram um salto, ágil e acrobático, mesmo nas suas barbas, enquanto lhe lançavam um apetitoso pedaço de carne, com o qual ele se apressou a esconder-se na casota.

— Pobrezinhos, — dizia—ainda por cima me trazem carne. É roubar, filhos, é roubar; que a nós tudo nos sobra e em troca a vós...

* * *

No agitado vaivém, com que as pessoas da propriedade povoaram o jardim na manhã seguinte, ninguém se preocupou com o pobre Leão, que tinha vomitado aflitivamente até ao último bocado de carne, que nunca assim comera em sua vida canina; cheio de baba e enojado, começava a dar graças ao céu por se ter livrado daquela armadilha que colocaram no seu pacífico caminho.

—Ah! os desavergonhados!... Pois não queriam envenenar-me?...

Por fim, consolou-se um pouco, quando os seus pequenos donos, o cobriram de agasalhos, proclamando-o herói do acontecimento.

—Pobrezinho Leão! — diziam— como havias tu de ladrar, pobrezinho, se quase te iam envenenando?

Leão, cheio de arrependimento, baixara os olhitos, e quedava-se silencioso. Desde aí, nunca mais voltou a interessar-se pela questão social, e agora, quando à noite, o guarda nocturno passa junto ao gradeamento, os olhos cheios de sono e de estrelas, Leão fica rouco de tanto ladrar.

LORETO AZPEITIA

Trad. do Espanhol de Lídia de Medeiros.

Actividades do Grupo n.º 94

No dia 4 de Janeiro p. p., este Grupo efectuou na sua sede um chá de confraternização entre os seus escoteiros, que serviu de pretexto para que o Chefe do Grupo, o nosso camarada Capitolino Ferreira Macedo, apresentasse os seus votos de um Ano Novo feliz a todos os componentes do 94, e para troca de impressões sobre as actividades de 1948.

A FAMÍLIA "BOCA TORTA„

Uma farsa representada pelos grupos de escoteiros franceses

Indicações: Este número de fogo de conselho pode ser representado indistintamente por um actor ou por seis (o narrador e mais os cinco membros da família)!

No primeiro caso, o narrador desempenhará todos os papéis, mudando còmicamente a voz, consoante fale por esta ou por aquela personagem. Imitará os gestos destes, soprando sobre uma vela que terá na mão. O trajo é desta maneira inútil.

No segundo caso, procurar-se-á sobretudo a variedade das vestimentas (camisa de noite, de cores berrantes e diferentes, com muitas fitas, para a mãe, e um pijama, apertado com uma enorme fivela dourada, para o pai...) e as suas vozes.

Em qualquer dos casos, é necessário virarem-se para o público, a fim de que ele veja bem os gestos feitos com a boca. Tendo sido já apresentado o acto, é necessário proceder muitíssimo rápido.

O João deve fazer o seu último gesto lentamente, e bem à vista dos espectadores.

O Narrador — A família «Boca Torta» vivia no tempo em que não havia electricidade para iluminação e em que toda a gente se alumiava com uma candeia.

A família compunha-se de 5 membros, dos quais 4 tinham a boca deformada! Nestor, o pai, não podia soprar senão pelo lado esquerdo da boca; D. Leónia, a mãe, tinha a boca de tal maneira que só a entendiam quem se encontrasse à sua direita; Silvestre, o primogénito, só podia falar para o chão, Raul, um outro filho, tinha o lábio inferior inclinado sobre o superior. Só João, o mais novo, tinha a boca normal.

Uma noite de inverno, quando fazia muito frio e lá fora o vento assobiava com violência, os «Bocas Tortas» decidiram deitar-se cedo. Se bem o pensaram, melhor o fizeram. Todos se deitaram na cama, mas nenhum pensou em apagar a candeia que se encontrava na mesa, colocada no meio do quarto comum. Então, o pai resmungou:

Nestor—*Eh Raul! Levanta-te e apaga a candeia para que possamos dormir* (Ouve-se rabujar ao fundo da camarata).

O Narrador—Raul, levanta-se, sopra sobre a luz, mas... nada! O sopro sai direitinho ao tecto, sem sequer bulir a chama da vela.

Raul—*Eu não chego à candeia! Venha cá o papá.*

Nestor—*Não serves para nada! Espera! Vais ver como isso se faz!* (Chega-se ao pé da candeia).

O Narrador — O pai enche os

pulmões, mais, mais ainda e... sopra. Um verdadeiro ciclone é desencadeado dentro do quarto, mas dirigindo-se para a esquerda, sem mesmo tremer a chama que pretendia visar...

Nestor—*Silvestre! Vem tu agora experimentar. Não podemos deixar esta vela acesa toda a noite!*

O Narrador—Silvestre aproxima-se... Mas, ao soprar, levanta uma grande poeirada que se dirige verticalmente para o chão, mas sem sequer atingir os bordos da mesa onde estava a vela.

Nestor — *Leónia! Leónia! É a tua vez agora!* (Ouve-se um ruído da palha do colchão. A mãe, com os cabelos em desordem, aparece desgostosa).

O Narrador — Leónia sopra uma vez, duas vezes, três, porém, todo o ar armazenado toma automàticamente a direcção da direita, e a vela continua acesa, a amargurar a família... Tiveram então uma ideia genial: uns após outros vão procurar o filho mais novo, o João, o único que tinha a boca normal.

Quando voltaram, rodeando este último, põem-se à volta da mesa.

João aproxima-se e, sem soprar, aperta entre os dedos a torcida, apaga-a, e vai novamente deitar-se...

Saint-Jean-de-Sixt, 5 de Setembro de 1947.

F. Baradez

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Quando o nosso jornal estava prestes a entrar na máquina, recebemos, com o pedido de publicação, a notícia de que se vai realizar, novamente este ano, o almoço de confraternização entre antigos e actuais escoteiros, por acasião do aniversário do nascimento de Baden-Powell.

Concurso das figuras e factos da História de Portugal

X

Apesar do casamento do rei de Portugal com a princesa Joana, de Castela, as suas pretensões à coroa deste reino não foram bem sucedidas. A cumular estes insucessos, a atitude do soberano português provocou desinteligências com o reino vizinho, o que viria causar uma nova guerra entre os dois povos.

* * *

As tropas portuguesas e castelhanas defrontaram-se nos campos de Toro. Os Portugueses, animados de grande entusiasmo, eram, contudo, em muito menor número, mas não desanimavam.

A refrega prosseguia dura; o o inimigo parecia multiplicar-se: de todos os lados surgiam castelhanos que obrigavam os nossos a esgotante labor defensivo.

Entre as forças lusas distinguia-se um jovem alferes, portador do estandarte real, que acorria a todos os sectores da frente, insuflando ânimo àqueles a quem o braço parecia fraquejar.

Aos castelhanos não escapou o motivo da cada vez maior obstinação das tropas portuguesas, e começaram a procurar o moço porta-estandarte, para lhe arrancar o valoroso trofeu.

A princípio pôde o alferes português livrar-se das arremetidas castelhanas. A golpes de audácia e valentia desfazia-se, um a um, daqueles que o queriam atingir.

Entretanto, a situação para as nossas tropas tornava-se cada vez mais insustentável. O inimigo parecia multiplicar-se; de todos os lados surgiam soldados que enleavam os Portugueses. O brioso alferes não deixava de animar os combatentes, percorrendo as fileiras de ponta a ponta. Porém, numa das sua correrias, viu-se cercado de inimigos por todos os lados. Quando ia lançar mão da sua lança para tentar uma última defesa, um dos castelhanos brandiu o seu ferro no ar e, em golpe certeiro, cortou-lhe a mão em que empunhava a bandeira de Portugal. Indiferente à dor horrível que o atormentava, o jovem soldado apanha do chão o estandarte, segurando-o com a mão que lhe restava. Não flutuou no ar por muito tempo o nosso estandarte: nova cutilada leva a última mão do generoso português e o pavilhão de Portugal rolou novamente pelo chão. Quando o inimigo se lançava pressuroso sobre o trofeu que parecia já conquistado, o heróico porta-bandeira, esquecendo as dores cruciantes que sentia e, louco de sofrimento, pega com os dentes o estandarte da nossa Pátria, num genial assomo de coragem e de energia. Foi então que os soldados de Castela conseguiram o seu intento: coléricos por tanta resistência, crivaram o bom português de golpes profundos. Mas foi só quando, inanimado, caía no chão, o valoroso soldado largava a bandeira que lhe haviam confiado...

a) *Que acontecimento acabámos de descrever?*

b) *Qual o nome do valoroso porta-estandarte?*

(Para responder, preencher o cupão que se encontra no suplemento junto).

N.º 5 Fevereiro de 1948

O Mistério da Ilha Deserta

Folhetim do «Sempre Pronto» Por R K. E.

Sob o comando do Guia o barco manobra de maneira a enfiar na enseada entrando pelo extremo direito. Quando estava na posição ideal o Guia com toda a energia ordena: — «A toda a força». Aqueles músculos jovens firmam-se com denodo e a canoa avança vigorosamente na direcção desejada, enquanto o timoneiro, entusiasmado, vai gritando: — Força; vai bom. Mais adiante, vamos! *Mas uma vaga mais violenta toma a embarcação e ia mesmo lançá-la sobre os rochedos!...—Ao mar,— brada o Guia. Todos se lançaram à água, enquanto o Guia permanece retesado no seu posto. O que irá acontecer!?*

A vaga bate violentamente no penedo, recua e, quando parece que o desastre é inevitável, arremessa a canoa pela areia dentro deixando-a ficar em seco. Apenas se tinha quebrado o leme.

No entanto, o Guia, preocupado com a sorte dos companheiros, corre, lança-se à água. Porém, já todos vinham chegando, só o Carlos precisou duma pequena ajuda.

Abraçaram-se, enquanto o Pedro declarava com uma confiança que a todos impressionou:—Eu bem sabia que Deus estava connosco.

A tripulação estava esgotada e, um a um, já se estendiam na areia dispostos a descansar. Mas o Guia previdente gritou: — não meus amigos, o perigo ainda não passou! Vamos a puxar o barco mais para cima, porque ali está sujeito a ser levado pelas vagas.

Todos imediatamente se levantaram e com um admirável espírito de cooperação lançaram-se a descarregar a canoa que em breve era arrastada para sitio onde as ondas não chegavam.

Quem visse o entusiasmo com que o jovem grupo trabalhava não diria as canseiras por que tinha acabado de passar.

Acabado este serviço o Júlio apressou-se a declarar:—Agora é que me vou estiraçar na areia. Mas logo o Guia atalhou:—Ainda não, vamos primeiro tratar da nossa saúde. Toca a mudar de roupa. — Uma gargalhada geral interrompeu a ordem do Guia.

—Mas porque estão vocês a rir?

—Ó Guia—responde o Rui—mas onde é que nós temos roupa enxuta?

—A roupa que está nos sacos não pode estar muito molhada porque eu tive o cuidado de os embrulhar no pano impermeável.

—Desta vez ainda o Guia nos ganhou—sentenceia Raul com satisfação.

Cumprida esta recomendação, eis que os oito rapazes da Patrulha Tigre se deitam na areia procurando retemperar os músculos dos violentos esforços feitos. Enquanto isto iam acompanhando o movimento das vagas que violentamente varriam a areia, enquanto outras se arremessavam sobre os rochedos, desfazendo-se em espuma, fazendo repuxos, que provocavam uma chuva miudinha que chegava a atingir os nossos rapazes. O furioso rugir das ondas ecoava pela ilha.

Um acontecimento inesperado

Passado um bom bocado e quando o temporal parecia já querer amainar, o Manuel quebrou o silêncio a que todos se tinham recolhido para dizer:—Não vêem ao longe um ponto negro? Todos ao mesmo tempo, fixaram a vista no ponto indicado.—Parece um barco—disse o Pedro.

—Não parece, é mesmo—afirma o Luís.

O Guia, o José, olhando os seus companheiros com confiança, diz-lhes:—Rapaziada, vamos ter que entrar novamente em acção. Aquele barco é capaz de correr perigo. Quem quer ir em seu auxílio?

CONTINUA

A propósito de um debate na Assembleia Nacional

O ALCOOLISMO

Tudo quanto for dito em condenação do alcoolismo é matéria conhecida e reconhecida por todos. Não há a menor dúvida de que este é um flagelo social, vício repugnante que escraviza o homem que por ele se deixa vencer, leva a tragédia aos lares, através da doença, da miséria, da desarmonia. Os seus efeitos não se fazem sentir sòmente no viciado, cujo organismo se debilita, atrofiando o corpo e o espírito, mas exerce igualmente a sua perniciosa acção sobre a descendência. Os filhos dos alcoólicos, quando não nascem inteiramente dementes, são, quase sempre, pouco inteligentes, atrasados mentais, anormais, predispostos para muitas doenças graves, como a tuberculose.

Ninguém, melhor do que aqueles que têm a seu cargo a educação, conhece a grande percentagem de idiotas e outros tarados que se encontra entre as crianças provenientes das classes mais baixas, vítimas inocentes do alcoolismo dos seus progenitores.

Vêm estas nossas considerações a propósito de uma oportuna intervenção na Assembleia Nacional do Deputado Sr. Cónego Mendes de Matos, que, em judiciosas afirmações sobre os perigos deste flagelo, pediu que as tabernas fossem transformadas em simples estabelecimentos de vendas de bebidas a litro, sujeitas a um horário de trabalho semelhante ao imposto aos estabelecimentos de outros ramos, pois nada justifica o regime excepcional com que são tratadas para exercer um comércio que tão grandes prejuízos causa à Sociedade.

Replicou-lhe o Sr. Engenheiro Albano Homem de Melo que, aduzindo considerações de ordem económica, discordou da proposta, porque, sendo Portugal um país vinícola, o vinho é uma das maiores riquezas nacionais, sendo útil fomentar o seu consumo moderado. Não nos parece que sejam as tabernas os estabelecimentos indicados para fomentar o consumo moderado do vinho, pois a sua acção provoca exactamente o consumo imoderado, não só deste, como de todas as outras bebidas alcoólicas.

Estabeleceu ainda o ilustre Deputado diferença entre *vinismo* e *alcoolismo*, baseando-se no valor higiénico do vinho em oposição ao prejuízo que outras bebidas alcoólicas causam ao organismo. Não duvidamos do fundamento desta diferença; porém, quando encontramos um ébrio, ainda não conseguimos maneira de saber se ele se encontra sob a acção do vinho puro ou de *whisk*, a não ser quando temos a infelicidade de assistir ao nogento espectáculo do organismo expulsar, pela via por onde entrou, a bebida causadora de tanto mal.

É certo que à Economia compete satisfazer as necessidades do indivíduo sem considerações de ordem moral, porém, ao legislador compete harmonizar os interesses económicos com os sociais e morais, de maneira a tirar de todos eles o maior benefício para a Nação.

O Sr. Cónego Mendes de Matos procurou provar que o encerramento das tabernas durante a noite e ao domingo não iria motivar uma diminuição no consumo do vinho. Mas admitamos que isso acontecia. Que benefícios não receberia o País de tal medida, compensando em larga escala os possíveis prejuízos? Competia depois à Economia estudar as medidas para obviar esse inconveniente e, se outras não houvesse, sugerimos já que se procurasse aumentar o consumo da uva, esse fruto admirável tão útil à saúde e cujo consumo é tão escasso num país vinhateiro como o nosso.

Todas as medidas legais, tudo quanto puder ser feito para restringir o alcoolismo, não deve ser descurado. Sabemos que o alcoólico não abandona o seu vício sobre a simples pressão de medidas coercivas. Se não lhe for possível satisfazer os seus baixos instintos na taberna, ele procurará saciar-se noutro lado, em sua própria casa. Mas a taberna é o berço do alcoolismo, o meio próprio do ébrio, onde ele se reúne em *cavaqueira* com outros ébrios, formando o ambiente propício ao engolfar de *copos*, que terminará na embriaguez, quando a prisão ou o hospital não forem o fim da *tertúlia*.

Portanto, conhecido o foco da infecção, é aí mesmo que se deve ir travar o combate. Assim como o cirurgião não hesita em amputar o órgão infectado do doente, assim se não deveria hesitar em transformar as tabernas em simples estabelecimentos de venda de bebidas a litro, tirando-lhes o aspecto sórdido que necessita de ser encoberto do público pelos exigidos guarda-ventos.

Mas, enquanto tal medida não é tomada, nada justifica que as tabernas gozem dum tratamento especial, como se de estabelecimentos de utilidade pública se tratassem. Enquanto todos os estabelecimentos, incluindo as farmácias, encerram as suas portas às 19 horas, as tabernas e algumas leitarias, a que poderíamos chamar *vinhatias*, continuam na sua repelente missão até altas horas da noite.

Pensemos um pouco nos benefícios que adviriam a tantos lares se, aos sábados, dias de recebimento dos salários, fosse proibida a venda de bebidas alcoólicas ao balcão?

Quantos chefes de família que chegam a sua casa embriagados e com o salário reduzido pela despesa feita na satisfação do seu vício inveterado, passariam a entrar lúcidos nos seus lares e com o seu salário inteiro?

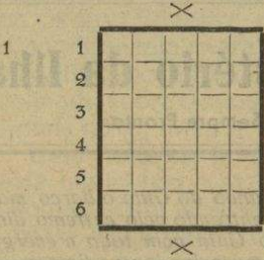
É certo que tais medidas levantariam sérios protestos. Os desgraçados habituados já ao meio que os vitima, não deixariam de sentir a sua falta, e, principalmente, aqueles que negoceiam com a miséria alheia, sentiriam os seus proventos diminuídos e não deixariam de mostrar a sua indignação. Mas quantas esposas, quantas mães, quantos filhos, não bendiriam tal disposição, que teria a apoiá-la todos os verdadeiros cidadãos?

E o resultado imediato seria um maior nível social da nossa querida Pátria, pois muito embora o alcoolismo não seja entre nós, talvez, um problema tão agudo como noutros povos, o certo é que ele se revela em proporção muito maior do que desejariam todos os bons portugueses.

Secção Charadista

Por JOSÉ SEQUEIRA

PALAVRA ASSINALADA



conceito—rio português

CHARADA

2 +po = vaso
+do = margem
+ente = enfermo

conceito—pegado

Maçada Geográfica

3 RECEIA IR

conceito—*Terra portuguesa*

Adivinha

4 O que faz um burro ao Sol?

Soluções do número anterior

1 — lide. 2 — lâmina. 3 — cevado. 4—Agualva.

Aguardam-se as soluções